

## SÓ CARIOQUICES

por FRED SOARES



A prostituição inspira um enredo social, histórico e urbano

Vestida ou nua,  
a cidade se revela

NO ÚLTIMO FIM DE SEMANA, como de costume, fui aos ensaios técnicos das escolas de samba da Série Ouro, na Marquês de Sapucaí. Como sempre, havia ali o Rio em estado bruto: arquibancadas com pessoas de todo lugar, vendedores ambulantes, famílias inteiras, militância do samba, descaso do poder público; gente que vai pela música, gente que vai pela festa, gente que vai simplesmente porque aquilo também é cidade. Mas uma coisa, em especial, me chamou a atenção: o enredo e o samba da Unidos do Porto da Pedra.

**A ESCOLA RESOLVEU FALAR DE PROSTITUIÇÃO.** Não como escândalo. Não como provocação fácil. Não como fetiche carnavalesco. Mas, sim, como um tema social, histórico e urbano.

**A PROSTITUIÇÃO ACOMPANHA O RIO** desde que a cidade virou capital do Império e centro político do país. Cresceu junto com os portos, com a boemia, com a noite, com a desigualdade. Sempre esteve ali, mesmo quando fingimos não ver. O Rio sempre teve uma geografia do desejo e uma cartografia do preconceito: zonas iluminadas, zonas empurradas para a sombra. A prostituição nunca foi exceção; foi regra silenciosa, parte estrutural da vida urbana.

**A VILA MIMOSA É APENAS O SÍMBOLO** mais conhecido dessa história. Já estive no Centro, foi deslocada pelas reformas urbanas e hoje segue funcionando na região da Praça da Bandeira como território de trabalho, lazer popular, circulação e sobrevivência. Um espaço que incomoda porque existe, e existe apesar do moralismo. O problema nunca foi a prostituição. O problema sempre foi o olhar lançado sobre ela. Um olhar seletivo, hipócrita e profundamente confortável para quem julga de longe.

**CURIOSAMENTE, QUANDO SE OBSERVA** a história política brasileira, esse pudor desaparece. O jornalista Sílvio Barsetti mostra isso em “O outro lado do poder”, ao narrar a política nacional pela ótica das prostitutas. Bordéis e cabarés aparecem como espaços frequentados por figuras centrais da República. O poder sempre esteve ali. Apenas preferiu o conveniente silêncio.

**O CORPO QUE A SOCIEDADE CONDENA** é o mesmo que o poder consome sem constrangimento. Talvez por isso o samba da Porto da Pedra seja tão incômodo. Ele não fala dessas mulheres como objeto, mas como sujeito. Quando canta “Dama do luar e cabaré / Quem ousa enfrentar a força da mulher?”, não faz poesia vazia. Afirma existência e resistência. Não há romantização da dor. Prostituição não é glamour: é trabalho precarizado, risco, violência e ausência do Estado. Mas também é estratégia de sobrevivência numa cidade desigual. Economia informal sustentando famílias inteiras. Vida real, sem verniz.

**O CARNAVAL, GRANDE QUE É,** funciona como crônica coletiva. Lê a cidade melhor do que muito discurso oficial. E quando o samba diz “Dona de mim, vestida ou nua, o preço da vida, quem sabe sou eu”, não pede aplauso. Exige escuta, atenção. O samba entendeu. A Porto da Pedra entendeu. A cidade - ou pelo menos boa parte dela -, como sempre, finge surpresa.



Bianca Bin e Edson Fieschi em 'Job', um mergulho intenso no inferno cibernético

Um espelho  
incômodo  
de nossa  
(in)civilidade

Thriller psicológico ‘Job’  
explorando os limites da  
saúde mental no ambiente  
tóxico das redes sociais

AFFONSO NUNES

Nos primórdios da TV brasileira, o cronista Stanislaw Ponte Preto - pseudônimo do jornalista Sérgio Porto (1923-1968) - definiu o aparelho como uma “máquina de fazer doido”. E o que diria o humorista diante deste mundo cibernético e suas neurotizantes redes sociais? A rotina silenciosa (e perturbadora) de quem filtra diariamente os conteúdos mais perturbadores da internet é o fio condutor de “Job”, em cartaz no Teatro Teatro TotalEnergies – Sala Adolpho Bloch.

Estrelada por Bianca Bin e Edson Fieschi, a montagem brasileira do texto do novaiorquino Max Wolf Friedlich revela os bastidores de uma profissão invisível que sustenta a (nem tão) aparente civilidade das redes sociais: a moderação de conteúdo. No centro da trama está Jane, interpretada por Bianca, uma funcionária exemplar de uma grande empresa de tecnologia cuja especialidade é identificar e remover material impróprio da internet. Após anos testemunhando o lado mais sombrio da humanidade através de telas, ela sofre um colapso no

ambiente de trabalho.

Afastada de suas funções, Jane é obrigada a frequentar sessões terapêuticas, onde encontra um profissional vivido por Edson Fieschi. É neste espaço de confronto psicológico que o thriller se desenvolve, expondo as fraturas emocionais causadas por uma ocupação que exige distanciamento impossível.

Max Wolf Friedlich é considerado um dos dramaturgos mais atentos às contradições do presente. O jovem autor constrói em “Job” uma radiografia incômoda da era digital, questionando não apenas as condições de trabalho dos moderadores de conteúdo, mas também a responsabilidade coletiva de quem consome e produz material nas redes sociais. Sua dramaturgia nos coloca diante de um espelho nada confortável para uma sociedade que prefere não olhar para os bastidores de sua própria (in)civilidade online.

A montagem brasileira tem direção de Fernando Philbert, responsável por espetáculos como “Três Mulheres Altas” e “Todas as Coisas Maravilhosas”, e produção de Luciano Borges e Edson Fieschi - a mesma dupla por trás do fenômeno “Prima Facie”, o premiado solo estrelado por Débora Falabella.

O texto original estreou em setembro de 2023 no Soho Playhouse, em Nova York, com Peter Friedman - conhecido por sua participação na série “Succession” - e Sydney Lemmon nos papéis principais. A recepção crítica imediata levou a obra à Broadway já em junho de 2024, conquistando indicações a diversos prêmios. O jornal The New York Times classificou “Job” como “um thriller sofisticado e implacável”, destacando sua capacidade de transformar um tema contemporâneo urgente em tensão dramática consistente.

Moderadores de conteúdo digital enfrentam rotinas de trabalho psicologicamente devastadoras, expostos diariamente a violência gráfica, pornografia infantil, terrorismo e discursos de ódio. Estudos internacionais têm documentado altas taxas de transtornos mentais entre esses profissionais, que frequentemente trabalham sob condições precárias e com suporte psicológico insuficiente. “Job” dramatiza essa realidade invisível, questionando os custos humanos da manutenção de plataformas digitais aparentemente seguras.

## SERVIÇO

## JOB

Teatro TotalEnergies - Sala Adolpho Bloch (Rua do Russel, 805 - Glória)  
Até 22/2, sextas e sábados (20h) e domingos (18h)  
Ingressos: Plateia central - R\$ 150 e R\$ 75 (meia) | plateia ateral - R\$ 50 e R\$ 25 (meia)